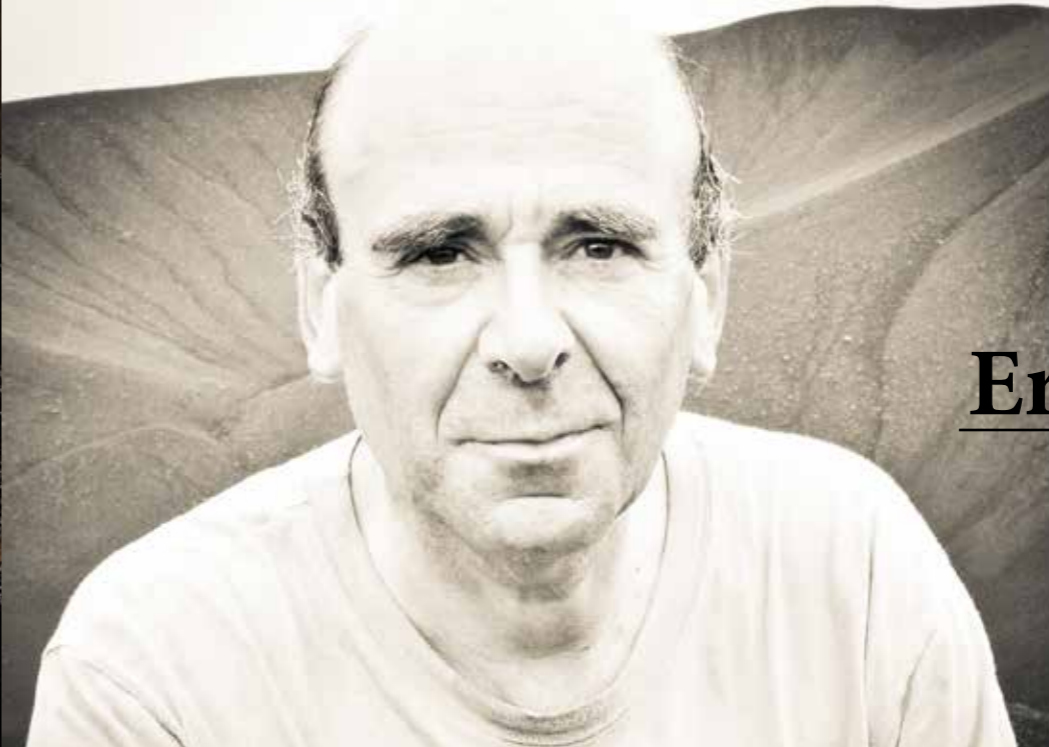


ork Times
fferent War

By C. D. B. BRYAN
the past few years I have tried
most of the Vietnam books that have
published. I read them hoping to under-
stand, to know what it was like to fight
war, to know what it was like to fight
at differed from all our other wars. Some,
and J. Fall's devastating Dienbienphu book,
Very Small Place," already seem distant
d. Others, like Daniel Lang's "Casualties
and Jonathan Schell's "Village of Ben Suc"
falling in their reflection of some of our serv-
s murderous detachment. I tried to finish
s Fitzgerald's "Fire in the Lake," but although
dazzled by the brilliance with which she illumi-
d Vietnam's political landscape, her book never-
e penetrated my tangled emotions. Gloria Emer-
s "Winners and Losers: Battles, Retreats, Gains,
Losses and Ruins from a Long War" intrigued me,
but for the wrong reasons: I was far more moved
by the obvious impact the war had on her than
I was by its impact on those she wrote about.
Certain books seemed to me to capture exactly
the mood and madness of specific aspects of the
war; I am thinking here of Mailer's "Armies of the
Night," Mary McCarthy's "Medina," Seymour Hersh's
book on My Lai, Tom Wolfe's Navy carrier-pilot
piece, "The Truest Sport: Jousting With Sam and
Charlie," from his collection "Mauve Gloves & Mad-
men, Clutter & Vine," and Robert Jay Lifton's heart-
rending study of returning veterans in "Home From
Kovic's mortification in "Born on
and Ronald J. Glasser's burn
haunt and hurt
I Caputo's criti-
Heine-



ods and the men who fought for us. He
Herr writes about coming under fire:
"Once it was actually going on, things
more blink than spit. It came back the
ery time, dreaded and welcome... you
ing like strobes, free-falling all the w
essences and then flying out again in
like the first strong twinge of tripp
sion of psilocybin, reaching in at
bringing all the joy and
known by everyo
meeting br



Erik Neveu

“Novos” Jornalismo Investigativo e Ciências Sociais: pensando empréstimos, diferenças e hibridizações

Professor do Instituto de Estudos Políticos de Rennes, Laboratório CRAPE (Centre de recherches sur l'action politique en Europe, CNRS)

1. Introdução

Este artigo nasceu de um fascínio antigo por narrativas – como as de Tom Wolfe (1970, 1990), Michael Herr (1977), Hunter Thompson (1967) – que eu havia ignorado e mergulhado somente na segunda metade dos anos 1970 naquilo que ficou conhecido como *new journalism* (Johnson e Wolfe, 1973). As histórias versavam sobre a Guerra do Vietnã, os *Hell's Angels*, os Panteras Negras e os novos estilos de vida emergentes nos Estados Unidos. O que elas ecoavam eram um sabor e uma expressividade no fervor das mudanças culturais, o fruto proibido das contesta-

Tradução do texto “Nouveaux” journalismes d'enquête et sciences sociales. Penser emprunts, écarts et hybridations », Tracés. Revue de Sciences humaines [En ligne], #12 | 2012, mis en ligne le 29 octobre 2014, consulté le 27 octobre 2015. URL : <http://traces.revues.org/5536> ; DOI : 10.4000/traces.5536, autorizado pela revista Tracés e pela ENS Éditions.

Tradução: Rafael Grohmann.

ções, mas também ecoavam da violência da guerra aos confrontos ligados a mobilizações sociais. Como uma antítese de um egocentrismo e de um psicologismo vulgar, as narrativas pareciam, de alguma forma, falar de um mundo verdadeiro e mais fascinante. Os autores tinham um estilo de escrita inventivo, engraçado e provocante, homologamente aos estilos de vida das narrativas ou da trilha sonora de rock dos anos 1960, “anos de esperança, dias de raiva”, nas palavras de Todd Gitlin (1987). Esse antigo interesse pelo tema receberia um novo impulso em 2008 por meio da preparação de um curso para o mestrado em “Jornalismo, reportagem e pesquisa” na *Sciences-Po Rennes*, trabalho este que me fez descobrir a rica contribuição de uma segunda geração de *new-new* (novos-novos) jornalistas¹.

Em 1974, Georges Perec, em “Espécie de espaços”, expressa o seu desejo de poder dispor, por meio da literatura, do poder atribuído ao diabo: levantar o telhado das casas para observar o segredo da existência (o que ele fará em 1978 em “A vida: modo de usar”). Esse é também, de forma ampliada a todas as áreas sociais, o viés dessas formas de jornalismo. Elas dizem respeito a pelo menos duas questões: de um lado, a um debate clássico e recorrente sobre a relação entre a escrita jornalística e a literatura realista², também reivindicando heranças da área de ciências sociais. Por outro lado, falando dos temas investigados pelos cientistas sociais, faz-se isso com tonalidades expressivas que dão profundidade às descrições, lutando para produzir uma empatia com os atores. Isso significa dizer que esse *new journalism* costumava perguntar, a partir de seu campo, uma questão que está no coração da prática das ciências sociais, como formula Howard Becker (2009): “como falar com a sociedade?” e que Jean-Claude Passeron (2006) associa à questão da escrita na dinâmica do “raciocínio sociológico”.

2. Um espaço específico para reportagens

2.1. Made in USA

Como chamar essas práticas jornalísticas que – se não são exclusivamente estadunidenses – encontram lá suas expressões mais abundantes e também institucionalizadas? Elas tentam perceber o mundo

1 O livro de entrevistas de Robert Boynton (2005) fornece uma notável introdução.

2 Para um resumo sobre os Estados Unidos, ver Underwood (2008).

contornando os eventos maiúsculos. Investigam sobre o ordinário da vida social, fixam-se em detalhes da vida social (*fait-divers*, etc.), das situações cotidianas (a vida dos afro-americanos mais pobres ou as rotinas de um banco de investimento) ou dos estilos de vida (*cultura fast-food*, *Hell's Angels*) como prismas de leitura da sociedade. Essas reportagens têm, frequentemente, como ponto de partida a observação do mundo a partir da posição e, por vezes, do ponto-de-vista de personagens sem prestígio social – soldados no Vietnã em Michael Herr (1977) e Afeganistão em Sebastian Junger (2010), imigrantes mexicanos em Ted Conover (1988), um empresário dissidente em Richard Preston (1991). Mesmo os agentes financeiros do banco Salomon Brothers aparecem em Michael Lewis (1989) a partir de sua banalidade ou vulgaridade. Eles também fazem reportagens sobre os “perdedores sociais”: famílias negras do gueto em Leon Dash (1997) e Adrian Nicole Le Blanc (2003), policiais acusados de abuso sexual em Lawrence Wright (1994). Esse jornalismo visa retornar à factualidade do microcosmo observado, produzindo sentido a partir das experiências subjetivas de quem lá vive. Ele também questiona as implicações de sua própria posição de observador.

Esses “novos jornalistas” encontraram espaço nos Estados Unidos. As razões para essa ancoragem única demandam uma análise: principalmente o desenvolvimento precoce de revistas como *Harper*, *Atlantic Monthly*, *The New Yorker*, permitindo formatos de escrita mais longos e conduzindo à institucionalização do gênero de reportagens inéditas. Também há a possibilidade de jornalistas já reconhecidos investirem meses em longas investigações, tendo apoio financeiro de fundações, além da possibilidade de publicação de um livro jornalístico. Enquanto a consagração suprema para um jornalista francês é a produção de um “ensaio”, um livro com pretensões intelectuais, para os estadunidenses, essa consagração é transformar suas reportagens em um livro: não é certo que o público francês o comprará. Se tivéssemos que delinear uma definição preliminar, poderíamos reunir a esses *new journalism*s – cuja novidade se soma à ancestralidade dos *muckcrackers*³, dos escritores-jornalistas como Hemingway ou Steinbeck, dos padrões narrativos do *New*

3 Nota da tradução: em tradução livre, seria “investigador de sujeira”. Refere-se aos jornalistas estadunidenses do início do século XX que se dedicam a investigar e a escrever sobre problemas sociais, tais como trabalho infantil, corrupção. Para mais informações, ler o livro “The early muckcrackers”, de Jenny Reese.

Yorker desde 1925 – cerca de quatro características.

2.2 Reportagens de imersão

Em primeiro lugar, as reportagens de campo podem ser associadas a muito investimento de tempo, e podem durar meses ou se estender por anos até que se transformem em uma publicação editorial. Eric Schlosser (2002) dedicou um ano para a sua pesquisa sobre a indústria do *fast-food*. Dash (1997) frequentou intensamente Rosa Lee e sua família por quatro anos. Alex Kotlowitz (1998) ficou cinco anos investigando as tensões raciais nas cidades irmãs de Benton Harbor e São José. LeBlanc (2003) seguiu por 10 anos uma família do Bronx para produzir seu livro, e detalha, no seu posfácio, como ela passou dias e noites em serviços sociais, prisões e delegacias de polícia e no alojamento da família porto-riquenha que ela seguiu. A ideia de investimento também pode ser tomada em um sentido quase freudiano. Thompson gradualmente doma os *Hell's Angels* e se integra aos seus grupos, a ponto de temer competir com os líderes nos passeios de motocicleta. Já Conover oferece outra imagem dessa imersão. Ele viajou ilegalmente em trens com os últimos *hoboes*⁴ para um de seus livros (Conover, 1984) e conseguiu um emprego como guarda de uma prisão em Sing Sing para uma reportagem sobre o sistema prisional (Conover, 2000). A maneira como ele retratou, em seu trabalho, o caminho com os imigrantes ilegais do México no prefácio de *Coyotes* é esclarecedora:

o que a polícia de fronteiras não sabe – e talvez não possa se dar ao luxo de saber – é o lado humano de homens e mulheres que ela para, o drama de suas vidas. Este é o tema desse livro. Não é um livro sobre políticas públicas, mas uma narrativa. Ele diz respeito a questões políticas apenas na medida que eu espero suprir uma ausência de debates sobre a imigração: a perspectiva de quem são os atores diretamente envolvidos. [...]. O modo como o debate tem sido feito tem contribuído para desumanizar mexicanos, para transformar seres humanos em imigrantes ilegais. Mas por que nós, os americanos, tomamos conta dos seus destinos de tantas formas? É urgente sabermos mais sobre essas pessoas que fazem pouco mais do que pedir para limpar nossos pratos e carros e cortarem nossas frutas. Como conhece-los? Parecia importante ir além dos recortes de jornais. As coisas realmente importantes sobre as pessoas não aprendemos realizando entrevistas, reunindo estatísticas ou

4 Nota da tradução: *Hobo* é uma expressão estadunidense com origem no fim do século XIX para designar trabalhadores migrantes, sem-teto, pobres, que peregrinam.

vendo-as na TV, mas passando a viver com eles. Para conhecer os mexicanos, você tem que aprender a sua língua, estar disposto a se acomodar em condições de vida menos confortáveis que a nossa e, especialmente se você parece tão diferente, e se você foi criado de maneira tão diferentes deles, como eu fui, você deve acreditar na ideia subversiva de que um ser humano é um ser humano, e que, com um pouco de esforço, seres humanos em todos os lugares podem compreender e até mesmo apreciar uns aos outros (Conover, 1988, p. XVIII-XIX).

Como podemos ver, esse duplo viés de compreensão e integração ao “campo” não é alheio aos objetivos e métodos das ciências sociais. Não é surpresa, portanto, que noções como “jornalismo de imersão” e “jornalismo empático” tornaram-se as mais reivindicadas pelos jornalistas. Segundo Adrian Nicole LeBlanc:

Imagine a reportagem como uma imersão na água. Uma vez que você está debaixo d'água, você não vê muito, exceto formas e imagens desfocadas. Mas quando você retornar à superfície, verá com mais clareza. Quando você sair da água, estará mais consciente da temperatura e da qualidade do ar. Há certas sensações que só podem ser realmente sentidas quando você estiver na água e, reciprocamente, quando você retorna à superfície, pode pensar mais claramente sobre o que era visível quando estava dentro (apud Boynton, 2005, p. 231).

2.3. Uma abordagem sociologizante?

Essas reportagens, em segundo lugar, são empreendimentos que exploram a base da vida social. Elas visam observar o ponto de vista dos agentes sociais comuns sobre fatos relacionados a problemas políticos, mudanças nos costumes, ou no cotidiano dos microcosmos sociais sem prestígio ou opacos (adjetivo que pode caracterizar um banco de investimento, uma usina siderúrgica...). A leitura de algumas dezenas de volumes dessas reportagens rapidamente nos torna sensíveis aos lugares concedidos aos estilos de vida considerados desviantes e emergentes, aos movimentos conservadores radicais na América contemporânea, e também a um conjunto de tensões que sobrepõem clivagens étnicas e sociais com os migrantes latino-americanos, os mais pobres afro-americanos, temas paradoxalmente pouco presentes na produção dos anos 1970.

Um outro filão temático se relaciona à exploração dos universos profissionais, integrando questões como o impacto das ciências e das técnicas, a globalização dos mercados e da força de trabalho. Quase todos os temas aqui mencionados seriam elegíveis para uma revisão bibliográfica na área de sociologia, ciência política ou economia. Podemos acrescentar, de passagem, que, especialmente na geração mais jovens desses jornais, alguns métodos de trabalho foram emprestados de hábitos acadêmicos, tais como pesquisa em bibliotecas, consulta a arquivos, leitura de revistas científicas. Schlosser recorda suas rotinas de pesquisa:

Eu começo a maioria dos meus projetos na sala principal de leituras da biblioteca pública de Nova Iorque. Meu processo de pesquisa consiste em ler primeiramente as fontes secundárias. Então, eu vou para os artigos de revistas acadêmicas e de lá vou para as revistas de setores profissionais. Eu não entro em contato com pessoa nenhuma antes de realizar um tremendo trabalho de leitura sobre o sujeito e o assunto em questão. Em seguida, as primeiras pessoas com quem eu falo são, geralmente, aquelas que eu li nos artigos em publicações acadêmicas e profissionais. Eu não quero falar com ninguém antes de sentir que eu sei um bom bocado sobre o assunto. E eu acho que é assim que as conversas são mais interessantes (Schlosser, 2002, p. 351-352).

Ele ainda recorda a utilização de banco de dados online, como *LexisNexis*.

Falar de reportagens longas é, em terceiro lugar, explicitar um critério de formatação dos textos dessas investigações. As revistas e os suplementos dominicais permitem um formato praticamente desconhecido na França até a chegada recente dos XXI, *Muse* ou *Feuilleton*. Não é incomum que uma dessas reportagens corresponda ao formato de um artigo científico na área de ciências sociais, ocupando de 15 a 50 páginas até se transformar em um livro de 250 a 500 páginas após uma combinação das reportagens iniciais enriquecidas com materiais cortados da versão impressa.

Um quarto critério decorre dos anteriores. Tanto por seu volume e temas quanto pelos problemas de representação do que foi observado, essas reportagens dão origem a uma intensa reflexão sobre formas adequadas de escrita. De forma bastante resumida: questionar e transgredir os limites, as censuras e as impotências expressivas que podem causar uma escrita jornalística codificada pelos princípios da objetividade e neutralidade e pela retórica da pirâmide invertida. As respostas a esses desafios variam. A

maioria dos autores reivindicam a utilização de técnicas romanescas, postura teórica adotada por Wolfe em seu manifesto-antologia (Wolfe; Johnson, 1973). Outros valorizam uma mise en scène de sua própria presença como pesquisadores. Outros ainda questionam as possibilidades vindas de tradições de escritas mais etnográficas.

3. Contando histórias de “pessoas reais”

Como introduzir as peculiaridades dessas reportagens em relação ao trabalho dos cientistas sociais? Para usar ironicamente uma categoria cara às campanhas publicitárias da TF1⁵, um dos pontos fortes dessas histórias é produzir a impressão de falar com exatidão e precisão de “pessoas reais” – quer se trate de grupos populares ou das interações mais comuns que marcam a existência de grupos empresariais ou mais favorecidos – e fazê-lo, muitas vezes, em uma leitura confortável, com narrativas atentas e profundidade de detalhes, uma representação de afetos e sensibilidades.

3.1. Algumas técnicas de escrita

Um primeiro recurso dessas narrativas reside no viés para representar os detalhes da vida das pessoas e dos grupos que são objetos da reportagem. O livro *Coyotes* (Conover, 1988) descreve a dureza e a monotonia dos dias de colheita de frutas cítricas, empoleirado no topo de escadas, nas árvores, por vezes com espinhos afiados, carregando sacos de fruta pesados que esmagam os músculos, a película dos pesticidas que deixa as mãos azuis e geram doenças e pomares sem qualquer inseto. Mas a história de Conover não se dá a partir de uma abordagem fria e behaviorista. Ele também quer representar os relacionamentos vividos, sem que esse trabalho seja visto como o de um porta-voz, nem produzir um discurso over, reproduzindo trechos de conversas de café da manhã, durante uma viagem, expressões possivelmente tão íntimas que vêm somente após um longo processo de convivência. Mais precisamente, essas reportagens valorizam sobretudo uma gama de emoções.

Assunto largamente reprimido até recentemente (Goodwin et al., 2001; Traini, 2009) por uma sociologia que não sabia o que fazer e temia escorregar para uma inclinação psicologizante, as emoções estão sendo valorizadas pelas reportagens. As crônicas de Herr (1977) sobre o Vietnã contém uma variedade

⁵ Nota da tradução: emissora francesa de televisão.

de manifestações de medo, bem como maneiras de gerenciá-lo ou se afogar nele. A parte final do livro de Junger (2010) sobre a guerra no Afeganistão, discretamente intitulado *Love*, poderia alimentar um trabalho a partir dos estudos de gênero (*gender studies*) sobre os regimes emocionais masculinos. A história de Lewis (1989) sobre os homens de negócio do banco Solomon Brothers é um dos textos mais esclarecedores, com componentes autistas, sobre a bolha social construída pela equipe de homens de negócios e financiadores, com o autor mostrando os intermináveis dias de trabalho confinados em um escritório e a busca dos operadores pela ilusão do lucro como uma brincadeira séria.

Essa valorização das subjetividades passa pelas técnicas. Uma delas é o perfil. É raro que este exceda os enquadramentos presentes nos textos de ciências sociais, podendo ser muito longo, com muitas classificações ou focos repetidos. Schlosser usa o caso de Kenny, operário de origem mexicana, vítima de repetidos e horríveis acidentes de trabalho para ilustrar a devoção de alguns dos trabalhadores em relação às necessidades da empresa e a ferocidade de uma quase-inexistência de proteção social (Schlosser, 2002, p. 186-190). Lewis faz inteligíveis as disposições e o humor dos especuladores focalizando uma parte de sua narrativa em torno do personagem Ranieri, chefe do rentável departamento de hipotecas. Empréstada de Joyce e Faulkner, a técnica de “fluxo de consciência” também permite atribuir a um protagonista, sob a forma de monólogo interior, suas expressões, seus afetos e uma reflexividade sobre a situação. Destacar a combinação da escrita de quadros espaciais e temporais de ação, com personagens de um lado e as emoções e subjetividades de outro, é também acentuar a capacidade das reportagens de reconstituir as ambiências, como um misto de fazer, ser e sentir. O exercício é ilustrado em Preston (1991), quando ele apresenta uma reportagem sobre a crescente tensão – relacionada a questões econômicas e aos perigos físicos do trabalho sobre o metal fundido – que acompanha os repetidos fracassos em uma usina siderúrgica com relação à reciclagem das carcaças dos veículos. Esse exercício também está na capacidade de John Harr (1995) de relatar a pressão fantástica que sofreu ao defender as vítimas de envenenamento químico, o hiperformalismo de um julgamento civil, a burocracia dos dossiês e a desproporção dos recursos dos advogados que representam as empresas.

Uma outra técnica destinada a representar ambientes e subjetividades pode ter a presença do narrador em sua história. Alguns jornalistas se recusam

a fazê-lo, limitando suas reações a prefácios e posfácios. Outros o fazem, às vezes, de maneira exibicionista – como Thompson, que define seu “jornalismo gonzo” não como uma mosca na parede, algo caro a Wolfe, mas como uma mosca que se joga dentro de um copo de leite para criar a ação – às vezes em Conover, porque sua presença permanente nas interações mostra escolhas que dificilmente são refutáveis (Boyton, 2005, p. 23-24). Essa presença do narrador faz com que as ambiências e as emoções sejam inteligíveis – quando Herr ouve as primeiras tempestades na companhia de uma patrulha e a consciência de que isso também significa perigo de morte – ou permite dar sentido às ações dos protagonistas – quando Krakauer (1997) faz uma digressão a um episódio de sua juventude onde ele correu risco de morte, para tornar inteligível a conduta do personagem central da história, o jovem McCandless.

O potencial das reportagens é inseparável de uma observação falsamente banal: elas contam histórias. Elas afirmam que “houve um tempo”, encadeiam episódios, organizam saltos ou *flashbacks* na história, podem capturar o leitor em uma dinâmica de aventuras e enredos. A presença de diálogos, processo que aparece nas ciências sociais como um flerte com o pitoresco, busca restaurar a entonação, o estilo, o léxico – precioso, técnico ou cotidiano – de um personagem ou grupo. É também a licença para usar uma variedade de formas que oferecem as histórias. Foram mencionados os monólogos interiores. Neles também se dão as alternâncias dos níveis de linguagem, as irrupções do autor como o equivalente a um antigo coro, as tentativas para inventar as linguagens que representam as sonoridades, buscando ecos ou homologias com os mundos sociais visitados. Wolfe ilustra o clímax, com suas invenções tipográficas, repetições, onomatopeias e o festival de metáforas, próprio ao seu estilo “pirotécnico”, onde um dos possíveis efeitos, para o leitor universitário, é perceber a estreiteza entre o “francês básico” e a maioria dos artigos de ciências sociais. Parece estranho não adicionar ao jargão de sua disciplina o uso de linguagem muito rica, até mesmo olhando com desconfiança qualquer uso criativo da linguagem⁶.

Contar histórias, ainda mais em formato de livro, também significa se colocar em um outro lugar em relação aos jornalistas comuns. Proust não poderia iluminar nem as passagens de tempo nem as trajetórias sociais do caminho de Guermantes ou do sa-

⁶ Ver a polêmica suscitada em 1984 pela publicação da *Revue française de sociologie* (vol. 25, n. 4, p. 703-710), por Michel Verret.

lão dos Verdurin (Bidou-Zachariassen, 1997) se ele tivesse escrito no formato de um Modiano⁷, muito menos se fosse um artigo para a *Revue française* de sociologie. Essa questão faz sentido em *Random Family* (LeBlanc, 2003), cujas quatrocentas páginas não são inadequadas para um projeto jornalístico que se propõe a acompanhar uma família do Bronx por dez anos a fim de descrever os processos de envelhecimento social, a partir da busca pela maturidade de adolescentes se tornando adultos.

As quinhentas páginas de *A Civil Action* (Harr, 1995) funcionam, levando em conta a complexidade e a duração da maratona litigiosa refletida na história. Uma narrativa fracionada permite, pela acumulação de cenas, trabalhar anotações para gradualmente construir os enquadramentos de percepção dos personagens, das instituições e proceder a partir do acúmulo de indícios, produzindo, de forma legível, os seus desenvolvimentos narrativos, tudo inacessível aos olhos dos formatos curtos do jornalismo clássico ou das revistas científicas.

Uma parte do *new journalism* se confronta aqui com desafios que também abrangem as ciências sociais abertas aos aportes da etnografia, atentas aos efeitos narrativos.

34 Necessita acrescentarmos que uma das eficiências desse viés narrativo é um conforto de leitura. Porque mobiliza códigos e horizontes familiares em culturas onde romances, histórias ilustradas e séries televisivas são formas narrativas onipresentes, essas histórias possuem uma máquina silenciosa, uma sintaxe familiar que não busca um esforço consciente.

A presença de uma forma de enigma em boa parte das histórias também contribui para uma leitura de agradável tensão: a produção de uma nova tecnologia será rentável no livro de Preston (1991), as vítimas de poluição da água que ganharam a ação (Harr, 1995), o Caravaggio desaparecido que será encontrado em outra reportagem de Harr (2005)? Essas histórias se opõem estruturalmente à literatura das ciências sociais a qual certa vez remeteu um colaborador do *Libération* – em uma observação de uma estupidez sem igual – com considerações sobre seus métodos e notas de rodapé, parecendo um restaurante *gourmet* onde o garçom deve ler em voz alta a receita e os ingredientes usados para fazê-la, enquanto os clientes tentam desfrutar de seus comandos.

⁷ Nota da tradução: Patrick Modiano, escritor francês.

3.2. Não é uma sociologia popular, mas questões para cientistas sociais...

Insistir na dimensão das experiências, na inserção dos protagonistas em intrigas, dramas e suspenses não deve sugerir que essas reportagens funcionem com base no *fait divers* ou em uma curiosidade *voyeur*. Elas são de uma riqueza muito grande e trazem, de maneira frequentemente pedagógica, uma porção de conhecimentos sobre o funcionamento do universo profissional. O leitor pode encontrar conhecimentos técnicos, porém de uma maneira acessível. Schlosser explica como os químicos criam aromas agradáveis nos pratos de *fast-food*, Harr entra no universo dos restauradores de quadros. Como acontece em muitas histórias de detetive, essas histórias oferecem suporte para um “escape da realidade” (Collovald; Neveu, 2004). Elas podem atender às necessidades dos leitores que procuram tanto um descanso, capturando-os em uma história tomada de variações de um realismo, tanto em relação à pintura de microcosmos quanto às histórias envolventes, com meios e técnicas que funcionam, esse realismo que Brecht definiria como “aquele que revela a causalidade complexa das relações sociais, que é concreta, facilitando o trabalho da abstração” (Brecht, 1970, p. 117). A conclusão dessa citação não é – direi em breve por que – anunciar a descoberta maravilhosa de alguma coisa como uma sociologia popular, finalmente liberta de seu conjunto de jargões, sabendo conectar de forma breve as cadeias causais mais complexas. Mas a força narrativa e pedagógica desses textos é fornecer uma reflexão crítica sobre a escrita nas ciências sociais.

Par além de ser capaz de fazer mais textos na lógica do “publicar ou morrer”, o que ganha – ou, mais exatamente, o que perde – a comunidade das ciências sociais contraindo a 30 mil caracteres os formatos de seus artigos? Nós também tomamos emprestadas as reflexões de Geertz sobre os benefícios da descrição densa, a pertinência de uma atenção microscópica no cotidiano, que ele justifica não por questões estéticas, mas como o instrumento por meio do qual:

os megaconceitos com os quais se aflige a ciência social contemporânea – legitimidade, modernização, integração, conflito, carisma, estrutura – podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é importante, criativa e imaginativamente com eles (Geertz, 1993, p. 23).

Essas observações têm levado os pesquisadores a um medo interiorizado: contar histórias com qual-

quer descrição ou qualquer trabalho apoiado em palavras não seria o equivalente a uma “história de pescador”? Se uma temporada em Meca (Hammoudi, 2005) pode iluminar esclarecer as experiências de *Hadj* para um leitor não-muçulmano, isso se dá apesar das longas descrições dos fatos ou por causa delas? Se podemos questionar a pobreza de suas conclusões teóricas, Lisu e Ericson (1995) teriam outras escolhas que não contar os passos e as experiências de uma visita para explicar o dispositivo do Museu Wiesentahl de Los Angeles, que trabalha para entender a tolerância e o genocídio dos judeus da Europa a partir das transmissões televisivas? Criar ensaios para fins analíticos apoiados em perfis é algo sociologicamente estéril? E por que pensar em metáforas que podem ser colocar em movimento o pensamento, ou utilizar-se de adjetivos? Devemos suspeitar do gosto das afetações poéticas ou dissimular as poéticas nas deficiências científicas? Se 11 centésimos podem fazer uma diferença digna de observação em um coeficiente de correlação, os usos de outros meios de representar o mundo a partir da linguagem exigem a mesma atenção aos detalhes, seja uma linguagem falada no cotidiano ou a de um analista. Geertz nos fala sobre a “piscadela” e o “tique nervoso”: isso exige um bom olhar e uma boa escolha de palavras para dizer se, em uma proximidade física, um movimento das pálpebras foi um movimento reflexo ou apenas um piscar de olhos.

4. A diferença entre explicar e compreender.

O melhor do jornalismo literário às vezes pode reunir o melhor das ciências sociais na preocupação reflexiva de não se pensarem como incompatíveis às duas abordagens básicas do pensamento social: explicar e compreender, identificando mecanismos objetivos de causalidade e capturando o modo como os agentes sociais dão sentido às suas experiências. Um sociólogo que leia essas reportagens não pode, contudo, deixar de considerar que o que distingue esses textos de seus próprios é o fato de serem mais acessíveis ou atraentes, também provocando uma diferença quase sistemática entre o “explicar” e o “compreender”.

4.1. Técnicas e artifícios

Uma primeira questão concerne a algumas questões prosaicas de representatividade. A lógica da revisão por pares força os pesquisadores a justificarem

as coisas a partir de determinado tema: ele é representativo de que? O que ele permite e não permite visualizar? Já os jornalistas estão, em grande parte, livres desses constrangimentos, pois apenas uma vez que uma notícia passa por seu olhar, seja um assunto ou um personagem que pareça pitoresco ou fascinante pode tornar-se objeto de sua atenção, sem que seja acompanhada de garantias de representatividade ou importância. Além do fato de lembrar o legado de Thoreau à cultura estadunidense, a história de Christopher McCandle, em “Na Natureza Selvagem” (*Into the Wild*) (Krakauer, 1997), que segue a trilha até sua morte no Alaska, tem algum significado que vá além do caso, que nos permita compreender as sensibilidades de uma parte dos jovens estadunidenses? Supondo que se tenha escolhido um caso a partir de uma pesquisa junto ao *LexisNexis*, usando as palavras-chave “síndrome de falsas memórias”, “satanismo”, “abusos sexuais” e a única resposta obtida seja a estranha história do xerife Ingram⁸, Lawrence Wright mostra que encontrou um caso cientificamente representativo ou ele sai suspeito de selecionar uma combinação raríssima de comportamentos, como uma palavra que aparece registrada apenas uma vez em um idioma? O *Stock-Car* descoberto por Wolfe (1965) o fez escrever 50 páginas... embalado por sua significação social ou pelo pitoresco que sua postura aristocrática revela?

Há um primeiro passo para uma pesquisa fundamentada que representa nada menos do que a questão a partir do qual se pode fazer inferências ou generalizações até mesmo em reportagens admiráveis. Posto assim o problema reivindicado por alguns jornalistas – Wolfe sendo aqui mais ambicioso – adquire-se ubiquidade social para poder, por impregnação, ser a mosca na parede, penetrar os seres e meios sociais mais diversos como se fosse capaz de entrar em suas cabeças. Essa postura volta a reivindicar uma disposição de um “receptor universal” de subjetividades e experiências, com uma capacidade de dotar de sentido, em uma velocidade notável, uma série de tramas, pressões objetivas e significações que são tomadas por todos os agentes sociais. Isso é equivalente a atribuir uma capacidade de empatia e penetração que os maiores sociólogos hesitariam em atribuir. Com o seu jeito semelhante a um tiro de revólver, Thompson reorientou, assim, a pretensão de Wolfe: “as pessoas que são insignificantes como um cocô de cachorro são inconvenientes com aqueles que os fascinam”. Encontramos aí indiretamente a questão do

⁸ *Tableaux de famille* (Lahire, 1995) sugere o inverso.

monólogo interior. Ele pode constituir um artifício literário seguro quando o autor – e esta é a posição de LeBlanc – realmente enche esses fragmentos a partir de seu contato com cartas, entrevistas, conversas telefônicas ou usando métodos engenhosos como um ditafone⁹. Quando o método é usado após contatos menos extensos, sem a salvaguarda dos usos das declarações explícitas das pessoas, o risco é grande de entrar em um universo de pura ficção, de produzir pensamentos que falam como alguém que segura um ventríloquo.

4.2. A lógica causal: enfadonha ou oculta?

Mas a oposição mais importante entre as reportagens e o trabalho dos cientistas sociais reside no fato de que a riqueza de análises sobre o “como?” não vem acompanhada de uma investigação equivalente sobre o “por quê?”. Por vezes, a fórmula interacionista “Como é por que” tem alguma consistência e as reportagens são o seu equivalente, sem o aparato teórico que coloca em evidência engrenagens e lógicas: como se integrar aos *Hell's Angels*, sobreviver no Vietnã ou em uma economia subterrânea ou viver com Rosa Lee e os “filhos do Bronx”? Mas é essencial que os determinantes profundos dos fenômenos sociais descritos sejam explicitados, tudo de forma acessível. Se a inteligibilidade produzida pelas ciências sociais consiste em determinar fatos sociais, sobre os quais iluminamos suas dimensões subjetivas e também com frias objetivações que rearticulam os microcosmos no macrocosmo, destacando as cadeias interdependentes que produzem efeitos locais, e construindo sistemas hierarquizados de explicações causais, as reportagens não possuem todo esse aparato explicativo. Elas trazem experiências inteligíveis, entrando em mundos sociais ignorados ou inacessíveis, popularizando o conhecimento, mas não oferecem uma “explicação”, nos termos das ciências sociais. Mais uma vez, fazer essa crítica não é de maneira nenhuma assinalar que o jornalismo é o único a “viver”. Pela escolha do método, simples e subversivo, que se destina a levar não à campanha de Nixon, mas às interações entre Nixon e o “bando” de jornalistas políticos nos aviões e ônibus na campanha, Crouse (1974) produziu um livro que ainda inspirará, 30 anos mais tarde, os sociólogos do jornalismo. Os livros de Lewis trazem mais elementos de compreensão dos mecanismos das crises dos mercados de ação do que as sonolentas explicações dos

9 Nota da tradução: espécie de gravador destinado a gravar cartas ditadas.

economistas liberais convidados pela mídia durante cada colapso financeiro. A vida de Rosa Lee, contada por Dash, de acordo com os mesmos termos, permite que o autor compreenda como uma pessoa pode ter se perdido no mundo cotidiano, onde tem que pagar suas contas, e é tremendamente eficaz no caótico mundo da pobreza extrema e da economia subterrânea. O ponto problemático não é o vazio explicativo dessas reportagens, mas a sua fraqueza quanto à postura compreensiva. Como comunicar?

Uma primeira resposta seria que esta não é a intenção dos jornalistas. O pacto de leitura é outro. Recuperemos a fórmula de Conover na abertura de seu livro sobre os imigrantes mexicanos: “Este não é um livro sobre políticas públicas, mas uma narrativa”. Isto é, para usar uma fórmula desgastada, trata-se de “tornar visível”, mas não impor e nem mesmo propor ao leitor uma linha interpretativa ou de desmontagem do sistema. Ele também joga com esse fundamento de uma ideologia da objetividade que associa interpretação à tomada de posição. É sintomático que as tomadas de posição mais normativas, mas também os esboços de perspectivas globais ou as sugestões para a ação sejam quase sempre enviadas aos espaços do paratexto (posfácio, anexos), onde os autores (Dash, Kotlowitz, LeBlanc) explicitamente sugerem a existência de injustiças sociais.

Uma segunda razão encontra-se no excesso de explicações para definir uma perspectiva global, interferindo e quebrando o fio narrativo. Mudar o curso no sentido de um espaço maior para a explicitação dos mecanismos de causalidade significa correr o risco de afetar o conforto da leitura, a velocidade da narrativa e, em última análise, o sucesso do texto. Tomando cuidado para não dar a essa distinção o sentido de ver o que mais compensaria, podemos notar que as reportagens que oferecem mais no sentido de compreender e explicar se dão a partir de dois tipos de autores. Crouse e Lewis estão em uma posição singular ao produzir um tipo de auto-etnografia (um jornalista seguindo outros jornalistas, um executivo explorando um banco de investimentos), a partir de seu próprio meio, com os recursos de um *insider*. Mas quando há, a objetivação dos mecanismos sociais é forte, e também forma um conjunto: série de observações, pistas e princípios explicativos que pertence, em grande parte, ao leitor teorizar, se essa é sua expectativa. Em outra chave, os livros-reportagem mais densos, com um aparato crítico de anotações e bibliografia, como os que se referem ao desmantelamento de uma economia – nos múltiplos sentidos dessa palavra – ao fast-food ou a prisões privadas,

que envolvem um movimento de *zoom* do micro ao macro, são o trabalho de jornalistas – como Schlosser (2002) ou Hallinan (2001) – que reivindicam um engajamento ligado à tradição dos *muckrakers*. Eles também trazem textos maiores, com uma leitura que flui menos.

Um terceiro dado, que é essencial, é que, geralmente, os jornalistas não podem continuar a aprofundar os mecanismos causais por causa das relações de força, da influência e dos canais de interdependência que afetam o que acontece nos microcosmos estudados e que são inteligíveis somente levando em consideração o macrocosmo social. Explicitar essas causalidades, então, supõe assumir mudanças de foco e outras investigações. Isso demanda sair do lugar e das interações onde se exprimem com mais força a arte e a competência do jornalista, onde a máquina narrativa e a sedução de uma história ganham cores vivas. Um exemplo dos limites sociais no ofício da reportagem é dado por Thompson. *Hell's Angels* pode tanto ser descrito como um exercício extraordinário de penetração em um mundo social hostil, uma etnografia esplêndida quanto um texto que não tem nada a dizer sobre questões tão básicas como “Quem está envolvido nos *Hell's Angels*?”. Thompson ainda arrisca uma hipótese: a de que há uma predisposição de jovens vindos de família com maior mobilidade espacial. Isso é mais que uma peça de um quebra-cabeça, mas se o motivo realmente fosse esse, uma parte significativa da juventude estadunidense estaria lá. Uma das questões mais difíceis do ofício de sociólogo é pensar relacionalmente, compreender que as relações dentro de uma oficina podem ser pesquisadas na escola (Beaud; Pialoux, 2012). A observação também procura enfatizar que, a não ser para negar a existência de um ofício de sociólogo, haveria algum abuso ao culparmos os jornalistas por não fazerem da reportagem uma tese. Este holofote sobre um jornalismo cujos diversos sinais sugerem estar em mudança nos possibilita uma série de reflexões, e aqui trazemos apenas algumas possíveis indicações.

A primeira diz respeito precisamente às maneiras de institucionalizar e valorizar tal jornalismo na França. Há aqueles que deveriam ajudar a imprensa a ser um alimento da vida democrática, porque as reportagens produzem um pensamento sobre o social. Também podemos encontrar, em um artigo esclarecedor produzido por Leonard Downie e Michael Schudson (2009) exemplos estadunidenses de cooperação entre, por um lado, editoras universitárias e escolas de jornalismo, e por outro, esse “jornalismo de reportagem”, o que pode sugerir mecanismos prá-

tics de ajuda mútua.

A segunda indicação seria questionar por que as duas concepções de jornalismo mais inspiradas nas ciências sociais, a saber, uma de caráter mais etnográfico, e outra mais objetivante, o dito “jornalismo de precisão” (Meyer, 2002), que procura explorar um grande número de dados estatísticos, vivem existências paralelas e sem conexões. Sua combinação não permitiria os movimentos “micro-macro” necessários e a articulação de análises causais com o calor das vivências e experiências? Qual formação profissional jornalística faria operar essas concepções em conjunto?

Aproveitar o tempo para ler algumas dessas reportagens também pode ser útil para pesquisadores interessados em questões críticas, um convite para desinibir as suas formas de escrever rumo a uma maior “descrição densa”. O risco é, certamente – como fazem os historiadores ou antropólogos ruins – o de apenas seduzir ao descrever algo exótico ou tornado exótico. Nada impede, inversamente, de mostrar com mais nuances como funcionam as causalidades, vivendo as inserções sociais, desenvolvendo estratégias apoiando-se, além disso, na precisão das descrições, na empatia que ajuda a penetrar nas subjetividades dos agentes sociais. Os pequenos detalhes das histórias de “A Miséria do Mundo” (Bourdieu, 1993) não nos permitem questionar, esboçar explicações? Desinibir a escrita também pode significar experimentar métodos resolutamente “narrativos” de reconstituição dos temas que não conduzam a contar histórias como revela a polifonia teorizada nos três textos de Loïc Wacquant (2000), em seu “Corpo e alma”.

Pensar formas de cooperação e hibridizações é, ainda, considerar que introduzir passagens de tais reportagens em trabalhos universitários lhes dariam, por vezes, uma maior substância, ou uma intervenção sintética de um pesquisador no anexo de muitos livros de jornalistas lhes dariam um maior poder explicativo. Muitos desses jornalistas familiarizados com o campo seriam também os melhores cronistas dos livros de ciências sociais, tão próximos dos seus objetos quanto os jornalistas que escrevem livros. Os pouco familiarizados ao campo, que frequentemente aplicam às ciências sociais os critérios (modernidade, novidade) de um colunista de moda, avaliam a excelência em termos da proximidade de uma pesquisa a partir dos modismos e categorias de pensamento próprios das elites midiáticas. Além da convergência de métodos e trocas mutuamente rentáveis sobre as maneiras produtivas de escrever sobre o mundo social, o surgimento de “novos” jornalismo, a constru-

ção de um diálogo crítico entre seus profissionais e pesquisadores é rico em outras questões. Isso não é nada menos do que dotar o espaço público de uma visibilidade mais ampla rumo a maneiras mais esclarecedoras de dar sentido à complexidade do mundo social, combinar abordagens, muitas vezes tidas como incompatíveis, para fazer uma análise a partir da “vida microscópica” e das causalidades sistêmicas a fim de intelectualizar o debate público sem jamais se afastar da materialidade das experiências.

Referências

AUBENAS, Florence. *Le quai de Ouistreham*. Paris, Éditions de l'Olivier, 2010.

BEAUD, Stéphane ; PIALOUX, Michel. *Retour sur la condition ouvrière. Enquête aux usines Peugeot et Sochaux-Montbéliard*, Paris, La Découverte, 2012

BECKER, Howard S.« Georges Perec's experiments in social description », *Ethnography*, vol. 2, n° 1, p. 63-76, 2001

_____. *Comment parler de la société. Artistes, écrivains, chercheurs et représentations sociales*. Paris, La Découverte, 2009.

BIDOU-ZACHARIASSEN, Catherine. *Proust Sociologue*, Paris. Descartes et Cie, 1997.

BOURDIEU, Pierre (org). *La misère du monde*. Paris, Le Seuil, 1993.

BOYTON, Robert. *The New New Journalism*. New York, Vintage, 2005.

BRECHT, Bertold. *Écrits sur la littérature et l'art, t. 2, Sur le réalisme*. Paris, L'Arche, 1970.

COLLOVALD, Annie ; NEVEU, Erik. *Lire le Noir. Enquête auprès de lecteurs de récits policiers*. Paris, Éditions de la BPI, 2004.

CONOVER, Ted. *Rolling Nowhere. Riding the Rails with America's Hoboes*. New York, Viking Press, 1984.

_____. *Coyotes. A Journey Through the Secret World of America's Illegal Aliens*. New York, Random House, 1988.

_____. *Newjack. Guarding Sing Sing*. New York, Vintage Books, 2000.

CROUSE, Timothy. *The Boys on the Bus*. New York, Random House, 1974.

DASH, Leon. *Rosa Lee*. New York, Plume, 1997.

DOWNIE, Leonard; SCHUDSON, Michael. « The reconstruction of American journalism » [en ligne], *Columbia Journalism Review*, 19 octobre 2009, [URL : http://www.cjr.org/reconstruction/the_reconstruction_of_american.php?page=all], consulté le 18 avril 2012.

GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. Londres, Fontana Press, 1993.

HALLINAN, Joseph T. *Going up the River. Travels in a Prison Nation*. New York, Random House, 2001.

HAMMOUDI, Abdellah. *Une saison à la Mecque. Récits de pèlerinage*. Paris, Le Seuil, 2005.

HARR, John. *A Civil Action*. New York, Vintage Book,

1995.

_____. *The Lost Painting*. New York, Random House, 2005.

HATZFELD, Jean. *L'air de la guerre. Sur les routes de Croatie et de Bosnie-Herzégovine*. Paris, Le Seuil, 1994.

_____. *Dans le nu de la vie. Récits des marais rwandais*. Paris, Le Seuil, 2001.

_____. *Une saison de machettes*. Paris, Le Seuil, 2003.

_____. *La stratégie des antilopes*. Paris, Le Seuil, 2007.

HERR, Michael. *Dispatches*. New York, Knopf, 1977

GITLIN, Todd. *The Sixties. Years of Hope, Days of Rage*. New York, Bantam, 1987.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETA, Francesca. *Passionate Politics. Emotions and Social Movements*. Chicago, University of Chicago Press, 2001.

JUNGER, Sebastian. *War*. New York, Twelve, 2010.

KOTLOWITZ, Alex. *The Other Side of the River. A Story of Two Towns*. New York, Anchor, 1998.

KRAKAUER, Jon. *Into the Wild*. New York, Bantam Doubleday, 1997.

LAHIRE, Bernard. *Tableaux de famille*. Paris, Le Seuil – Gallimard, 1995.

LeBLANC, Adrian Nicole. *Random Family. Love, Drugs, Trouble and Coming of Age in the Bronx*. New York, Scribner, 2003.

LE GUILLEDOUX, Dominique. *Si je mourais là-bas*. Paris, Fayard, 2003.

LEWIS, Michael. *Liar's Poker*. New York, Norton, 1989.

LISUS, Nicola; ERICSON, Richard. Misplacing memory: the effect of television format on the Holocaust remembrance, *British Journal of Sociology*, Vol 46 (1), pp 1-19, 1995.

MEYER, Philip. *Precision Journalism. A Reporter's Introduction to Social Sciences Methods*, Lanham, Rowman & Littlefield, 2002.

Nivat Anne. *Chienne de guerre*. Paris, Fayard, 2000.

_____. *Lendemain de guerre en Afghanistan et en Irak*. Paris, Fayard, 2004.

_____. *Bagdad, zone rouge*. Paris, Fayard, 2008.

PASSERON, Jean-Claude. *Le raisonnement sociologique*. Paris, Albin Michel, 2006.

PEREC, George. *Espèces d'espaces*. Paris, Galilée, 1974.

_____. *La vie mode d'emploi*. Paris, Hachette, 1978.

PRESTON, Richard. *American Steel*. New York, Prentice Hall, 1991.

SCHLOSSER, Eric. *Fast Food Nation. Why McDonald's Fries Taste so Good*. Harmondsworth, Penguin, 2002

THOMPSON, Hunter. *Hell's Angels*. Londres, Penguin, 1967.

TRAÏNI, Christophe (org.). *Émotions ? Mobilisation !*. Paris, Presses de Sciences Po, 2009.

UNDERWOOD, Doug. *Journalism and the Novel. Truth and Fiction*. Cambridge, Cambridge University Press, 2008.

WACQUANT, Loïc. *Corps et âme. Carnets ethnographiques d'un apprenti boxeur*. Marseille, Agone, 2000.

_____. « The body, the ghetto and the penal state », *Qualitative Sociology*, vo. 32, n° 1, p. 101-129, 2009.

WOLFE, Tom. *The Kandy-Koloured Tangerine-Flake Streamline Baby*. New York, Farrar - Strauss & Giroux, 1965.

_____. *Radical Chic & Mau-Mau-ing the Flak Catchers*, New York, Farrar - Strauss & Giroux, 1970.

_____. *Mauve Gloves and Madmen, Clutter and Wine*. Londres, Picador, 1990.

WOLFE, Tom; JOHNSON, Edward W. *The New Journalism*. New York, Harper and Row, 1973.

WRIGHT, Lawrence. *Remembering Satan*. New York, Vintage Books, 1994.

*Recebido em 21 de setembro de 2015.

*Aprovado em 28 de outubro de 2015.